

A GLOBALIZAÇÃO EXCLUDENTE E O PAPEL DO ENSINO DE GEOGRAFIA

Aluno: Carlos Laete Rodrigues Pascoal

Orientador: Cesar Alvarez

Introdução

O estágio de desenvolvimento do capitalismo em que nos encontramos - a globalização - fez com que, em virtude das novas condições técnicas, os últimos anos do século XX testemunhassem grandes mudanças em toda face da Terra [1]. O fato é que, diante de uma inegável piora das condições sociais no mundo todo, as promessas de desenvolvimento, modernidade e progresso, se concretizaram débeis, e o que temos de concreto é uma globalização perversa, estabelecida sob um totalitarismo tirânico por parte do dinheiro e da informação, que passa a ser controlada e manipulada. Esse processo acabou desencadeando uma perversidade sistêmica, com uma violência estrutural, o estabelecimento de uma competitividade ao extremo, de uma confusão dos espíritos e, o desfalecimento da política feita pelo Estado e a imposição de uma outra política comandada pelas empresas, que nos traz como resultado uma subordinação estrita das relações inerentes à produção do cotidiano social à lógica do capital [1].

Objetivos

Explicitar o caráter funcional perverso (e a propriedade sistêmica desta perversidade) do processo de globalização atual, de maneira a permitir uma compreensão a respeito de seus princípios fundamentais, perceber suas linhas de fraqueza e de força para poder discutir a relevância do papel da Geografia e do conteúdo geográfico. Assim, possibilitando construir melhores perspectivas de trabalho de seus conceitos e temas no processo de ensino, visando o desenvolvimento de uma consciência espacial sistêmica mais abrangente nos alunos para que possam refletir sobre os problemas inerentes à realidade espacial, e as possibilidades de mudanças, permitindo, desse modo, criar alternativas, ou condições para torná-las efetivas [1].

Metodologia

Para a grande maioria da humanidade a globalização está se impondo como uma fábrica de perversidades. Baseado na tirania do dinheiro e da informação, estabelece um sistema ideológico que legitima as ações hegemônicas e conformam, sob a nova ordem social, as relações inerentes à produção da vida cotidiana.

E a geografia escolar, ao trabalhar seus conceitos e temas em geral, não tem conseguido abarcar e se estabelecer no cargo que lhe cabe enquanto ciência de análise espacial, resultando em uma frágil construção, por parte dos alunos, de sua capacidade de reflexão a respeito da complexidade socioespacial, e possibilitando à ideologia (referido sistema ideológico) perversa se apresentar e estabelecer (por meio do discurso que se antecede a tudo) enquanto ordem global. Cabe destacar aqui, que as categorias geográficas são instrumentos para a compreensão da realidade espacial (podendo ser entendidas como instrumentos de intermédio entre o sujeito e fragmentos de mundo tomados como objeto de estudo geográfico) e proporcionam a constituição de conceitos que possibilitam ao aluno compreender o seu presente e pensar o futuro [2].

Demonstra-se óbvia, desta forma, a necessidade de se discutir o papel da Geografia em sala de aula frente à necessidade maior de se formar uma consciência espacial para uma maior prática da cidadania. Consciência espacial entendida aqui como sinônimo de perceber o espaço enquanto elemento básico de nossa organização social. Cidadania entendida aqui como uma pessoa que, sabendo de seu mundo, procura influenciá-lo, organizando-se coletivamente na busca, não só de seus direitos, mas também lutando por uma organização da sociedade mais justa e democrática [3]. Afinal, formar uma consciência espacial é mais do que conhecer e localizar, é analisar, é sentir, é compreender a espacialidade das práticas sociais para poder intervir nelas a partir de convicções, elevando a prática cotidiana, acima das ações particulares, ao nível do mundo genérico [4].

O enfoque histórico geográfico abre-se como possibilidade metodológica/explicativa necessária para a construção de uma realidade socialmente mais justa, para a construção de um Brasil mais democrático, onde o território seja de fato um bem comum, um patrimônio nacional apropriado em benefício do conjunto da nação [5].

Conclusões

O espaço, enquanto categoria analítica central da geografia, deve ser apresentado aos alunos como um arranjo proveniente da complexidade histórica de transformações oriundas das várias atividades sociais. Afinal, o espaço geográfico está desenvolvendo-se permanentemente em nosso cotidiano em suas múltiplas concepções, justificando, assim, a necessidade premente de se introduzir novas metodologias que alcance um patamar decodificador capaz de relacionar, analisar, criticar e interpretar as relações formadoras das estruturas que nos rodeiam.

Assim, a ênfase central do trabalho vem da convicção do papel da ideologia na produção, disseminação, reprodução e manutenção da globalização atual. Deste modo, a insistência na questão ideológica se justifica pela certeza de que, diante da mesma base material, um outro mundo seria possível.

Referências

- 1 – SANTOS, M. **Por uma outra globalização**. 11. ed. Rio de Janeiro: Record, 2004. 174 p.
- 2 – STRAFORINI, R. **Ensinar geografia, o desafio da totalidade-mundo nas séries iniciais**. São Paulo: Annablume, 2004. 188 p.
- 3 – CASTROGIOVANNI, A. C.; CALLAI, H. C.; KAERCHER, N. A. **Ensino de geografia : práticas e textualizações no cotidiano**. 4. ed. Porto Alegre: Mediação, 2005. 172 p.
- 4 – CAVALCANTI, Lana de Souza. **Geografia, escola e construção de conhecimentos**. 5. ed. Campinas, SP: Papirus, 2003. 192 p.
- 5 – MORAES, A. C. R. **Território e história no Brasil**. 2. ed. São Paulo: Annablume, 2005. 154 p.